

NOV 73

informação associativa 5

12 OUTUBRO 72

12 OUTUBRO 73

O nosso camarada Ribeiro dos Santos é assassinado a tiro por um pido infiltrado em Económicas.

Perante a entrada de 2 pides na sala um grupo de estudantes dispôs-se a correr com eles. Corajosamente, o nosso camarada tomou a única atitude correcta perante estes torcionários. Mas a confusão gerada pelo apelo á calma dos dirigentes reformistas deu tempo a que um dos assassinos sacasse da pistola.

Assim tombou José António Ribeiro dos Santos.

Nos dias que se seguiram foram milhares os estudantes que se manifestaram pela cidade informando a população do crime cometido.

14 de Outubro - cerca de 5000 estudantes e populares acorrem ao funeral do nosso camarada.

A polícia carrega, mas a maioria dos presentes até ao fim do dia faz soar bem alto a sua voz, gritando:

GOVERNO DO POVO SIM

GOVERNO ASSASSINO NÃO
VINGAREMOS RIBEIRO DOS SANTOS



Os estudantes manifestam, na rua, o seu empenho em lutar ao lado do Povo.

Estavam mareadas uma romagem sotululo de Ribeiro Santos e um Plenário. Perante o cerco policial ao cemitério da Ajuda e ao Hospital St. Maria es

tes não se realizam, mas isso não impede que durante todo o dia os estudantes se manifestem na rua, em vários locais de Lisboa e Amadora. A cidade estava sitiada. Por toda a parte carlinhas de choque, "níveas", centenas de Pides e legionários. Apesar disso, a polícia é sempre ludibriada pelos manifestantes. São distribuídos milhares de comunicados "AO POVO DE PORTUGAL", apedrejados bancos, carrinhas e "níveas", espancados muitos bufos e legionários. A polícia só aparece após o dispersar das manifestações.

Durante todo o dia os estudantes gritam bem alto:

OPERARIOS E CAMPONESES

REVOLUÇÃO POPULAR

VIVA A GUINE INDEPENDENTE

OS POVOS IRMÃOS DAS COLONIAS VENCERÃO

UNIDOS VENCERÃO

12 de OUTUBRO de 73

Cada vez em maior número e com mais firmeza os estudantes têm junto do povo e lado a lado com ele manifestado activamente o seu repúdio pelos crimes do governo.

E se há 30 anos tinhamos estudantes a cobrar bilhetes dos eléctricos e autocarros para sabotar a greve dos cobradores da car[r]is; em 1973 pudemos ver centenas de estudantes a apoiar a luta dos operários da T.P.A. a contribuir para a divulgação da verdade sobre os factos ocorridos.

Do mesmo modo, se em 1969, em Coimbra os estudantes, guiados pelos dirigentes reformistas, davam flores aos policiaes que os matracavam ferozmente. Em 1972 e 73 é a pedrada que os estudantes de Ciências e Letras expulsam os gorilas das suas escolas.

Foi também assim que os estudantes não deixaram que o dia 12 de Outubro fosse um dia normal.

A única escola em aulas, Direito, fez greve a quase 100% e em Económicas e Agronomia não foram feitos os exames que estavam marcados.

Também os nossos colegas do Liceu, para além de terem garantido a convocação para a Romagem à campa de Ribeiro Santos e para o Plenário fizeram até meetings nalguns Liceus.

E, apesar dos dirigentes reformistas terem colaborado descaradamente com o governo no boicote à informação(1) os estudantes de Lisboa organizaram-se e deram um importante contributo para que o 12 de Outubro se tenha transformado num grande dia de luta contra os crimes do governo assassino e contra todos os que se lhe aliam.

Não conseguiu o governo mantendo as cantinas e as escolas encerradas impedir a informação e foram centenas os estudantes que ocorreram às 11 horas ao cemitério da Ajuda para onde estava marcada uma Romagem à campa de José António Ribeiro Santos.

A entrada no cemitério foi impedida pela presença de 8 carrinhas de polícia de cho[que] que chegou a carregar e prendeu um colega dos Liceus. Foi também preso e solto horas depois um outro estudante pertencente a um grupo de Direito que entrou no cemitério

Impedidos de entrarem no cemitério, cerca de 300-400 estudantes concentram-se às 12 horas no campo das cebolas e arrancam em ma

nifestação, que percorreu Alfama, Sé, Limoeiro, Santa Lúzia, S. Tomé, Escolas Gerais, Voz do Operário, Graça e dispersou em Sapadores. O percurso durou cerca de 30 minutos e a população apoiou os manifestantes que distribuíam comunicados "Ao Povo de Portugal" (aprovados em Meeting) e targetas revolucionárias. Foram gritadas as palavras de ordem: "Operários e Camponeses, Unidos Vencerão", "Revolução Popular", "Lutar com armas, Sim; Lutar com votos, Não", "Os povos Irmãos das Colónias Vencerão", "Abaixo os Reformistas" e "Todos ao Rossio às 18 e 30".

Na Graça foram completamente esquecidas as montras de um banco.

A polícia só conseguiu intervir após a dispersão, tendo sido presos os colegas Maria Pilar (Medicina), Luis (Medicina) e Cuca (Ciências), além de um estudante não identificado.

Durante o percurso os G.N.R.s, P.S.P.s, e P.M.s que se encontravam na zona debandaram à passagem dos manifestantes.

- À tarde, o Plenário que os estudantes de Lisboa tinham convocado para o Hospital de Santa Maria não se pôde realizar. Com um forte aparato policial na zona, a entrada no Hospital era bastante dificultada a todos os estudantes que não fossem alunos de Medicina. Por isso apenas se realizou no local um meeting informativo sobre os acontecimentos da manhã.

- Cerca das 17 horas realizou-se uma manifestação que, partindo da Amadora, percorreu um longo trajecto, tendo sido partidas as montras de alguns bancos e gritadas as palavras de ordem: "Socialismo", "Viva a Classe Operária", "Abaixo a Guerra Colonial", "Abaixo a Burla Eleitoral" e "Abaixo a Exploração Capitalista".

As forças policiais foram ludibriadas e não se registou qualquer prisão.

Por volta das 17,30 horas, na Av. Almirante Reis, cerca de 150 pessoas manifestaram-se entre o cruzamento da Pascoal de Melo e os Anjos, gritando as palavras de ordem: "Operários e Camponeses, Unidos Vencerão", "Revolução Popular", "Os Povos Irmãos das Colónias Vencerão", "Lutar com armas, Si, Lutar com votos, Não" e "Todos ao Rossio às 18,30".

(continuação)

Foi escaqueirada a montra de um banco.

Depois de 15 minutos de percurso a manifestação dispersou sem que a polícia interviesse.

Não houve prisões.

ROSSIO

O aparato de polícia e pides por toda a parte foi impotente para deter a firme determinação dos populares e estudantes.

Cerca das 18,40 horas arrancou uma manifestação com cerca de 300 pessoas que, em punhando bandeiras e cartazes e armadas com mocos e barras de ferro, atravessou o Rossio e desceu a rua do Ouro transportando a trás de si um grupo igual ou superior de manifestantes que, por não se terem conseguido integrar no grupo da frente, acabaram por dispersar nas ruas transversais.

Alguns pides e policiaes, colocados entre os dois grupos de manifestantes para os matraquear e impedir a sua união, foram repelidos à pedrada e com barras de ferro.

Ao dispersar da manifestação na rua da Conceição (perto do Terreiro do Paço) o carro do colonialista Maltez (chefe da polícia) tentou fazer um cerco tendo sido, como resposta, parcialmente destruído, ficando

do o seu bufo motorista bastante maltratado.

Não se tem conhecimento de qualquer prisão de estudantes.

Os manifestantes gritaram: "Operários e Camponeses Unidos Vencerão", "Os Povos Irmãos das Colónias Vencerão", "Revolução Popular, Sim! Eleições Fascistas, Não!", "Viva a Guiné Independente" e "Abaixo a burla Eleitoral".

Depois do arranque da manifestação a polícia fechou o Rossio ao trânsito começando a matraquear e a prender indiscriminadamente (no Metro, na Estação do Rossio, na Praça da Figueira, no Rossio e nas ruas limítrofes), o que não impediu que, aos gritos de "Guerra do Povo à Guerra Colonial" e outras palavras de ordem, diversos manifestantes tivessem arrancado por três vezes em direcção à Praça do Comércio, depois de concentrados na Rua Augusta, ao cruzamento com a rua de Santa Justa. Até cerca das 20 horas foram presas cerca de 15 pessoas tendo sido levadas umas para o Hospital de S. José, outras para o Governo Civil e outras para Caxias.

Foram também vários os bufos, legionários, pides e policiaes cujas cabeças foram abertas.

Nota: acerca destas segundas arrancadas há versões contraditórias quanto ao local e percurso por onde seguiu a manifestação.

A BBC fala sobre o 12 de Outubro em LISBOA

Vamos transcrever algumas partes do noticiário transmitido em português pela BBC, na noite do dia 12 de Outubro.

No início, a BBC disse que, durante todo o dia, não houve ponto da cidade onde não tivesse havido recontros com a polícia; que as manifestações eram de jovens principalmente estudantes, mas às quais era frequente juntarem-se populares. Falava que de manhã, no cemitério, só tinham conseguido entrar 3 pessoas.

... "A essa hora já a cidade universitária se encontrava cercada pela polícia. Estava marcado um Plenário para a faculdade de Medicina, que não se chegou a realizar devido à intervenção das autoridades.

O reitor da universidade recebera ontem um comunicado avisando que havia ordem para disparar. A maioria dos estudantes com exames marcados para hoje fizeram greve após

o facto significar para alguns a perda do ano lectivo. Na Cidade Universitária houve palavra de ordem para reunião na praça João do Rio. Os estudantes dividiram-se em dois grupos e houve mais incidentes, tendo sido estilhaçados os vidros de uma sucursal do Banco Português do Atlântico, perto da praça do Chile.

Outro grupo de cerca de 200 pessoas concentrou-se no exterior da sede provisória da ODE e dispersou antes da chegada da polícia.

O último ponto de concentração era o Largo do Rossio às 6.30 h da tarde. Desde as 5 h que as forças policiais ocupavam pontos estratégicos no local e proximidades. Polícia de choque e militares (?) por toda a parte.

Às 6h e 45 ordem de ataque e carga sobre o Rossio. A praça foi evacuada.

(cont. pág. 4)

No lado da rua do Ouro um grupo de duzentas pessoas de ambos os sexos, jovens na maioria, empunhava cartazes em que se lia:

"Lutar com armas, sim! Lutar com votos, não!"

"Os povos irmãos das colónias vencerão"

"Operários e camponeses, unidos vencerão!"

... carga de polícia de choque... lados da praça do município ... houve mortes(1) e feridos e foram feitas várias prisões".

Em seguida, a BBC referiu-se ao comunicado "Ao Povo de Portugal" aprovado pelos estudantes presentes no meeting do dia 8 e escreveu: "... Ribeiro Santos e todos aqueles tombaram na primeira fila da luta pelo povo português. Os estudantes progressistas têm os olhos postos na luta do povo português e dos povos das colónias..."

(1) - Não se percebia bem e não há a certeza de terem referido a existência de mortes.

COMÍCIO SOBRE AS ELEIÇÕES

Convocado pelo meeting de dia 20, realizou-se na quarta-feira, 24 de Outubro, na sala de alunos de Medicina, um comício sobre as eleições recém terminadas.

Esse comício fora convocado nas Faculdades, Liceus e Escolas técnicas, e ainda nas sessões eleitorais, e sedes da oposição democrática por "um grupo de estudantes" de Lisboa através de um comunicado ("A luta dos estudantes e as manobras de alguns srs. doutores") e de uma tarjeta ("Quem está do lado do Povo não teme o desfazer dos equívocos").

PORQUE FOI CONVOCADO UM COMÍCIO SOBRE AS ELEIÇÕES

Esse comunicado e essa tarjeta, expunham certas contradições entre o paleio e a prática do movimento CDE nomeadamente em referência á luta dos estudantes :

"A CEDL diz que apoia o M.A. - movimento sindical-legal dos estudantes -, mas Arons de Carvalho, jovem candidato a deputa-

do, calunia o M.A. dizendo que aí "...apenas uma minoria se manifesta abertamente" e que, "os actuais activistas não contam com o apoio das maiorias silenciosas" mas apenas com a sua "concordância tácita".

"A CDE diz que é a "força do Povo" e que apoia a luta dos estudantes que tem feito seus os objectivos da luta popular, mas a CDE não diz truz nem muz sobre as manifestações populares do 12 de Outubro, data do primeiro aniversário do assassinato pela PIDE do estudante progressista Ribeiro Santos, manifestações em que os estudantes se integraram e onde se gritaram palavras-de-ordem contra o Capitalismo, o Fascismo, o Colonialismo e o Imperialismo, e morras ao Reformismo e ao Eleitoralismo".

"A CDE diz lutar contra a Repressão fascista mas, entre as vítimas do Fascismo, faz uma nitida discriminação: não mexeu um dedo para informar das prisões, ou apoiar os populares, entre eles alguns estudantes, presos na rua no dia 12 de Outubro".

"mas porque é que eles são assim?"

Como contributo para a compreensão destes "equivocos" a referida tarjeta citava dois extractos do Comunicado "Ao Povo de Portugal" (ver n.º última página):

"(É devido ao) carácter anti-popular dos doutores da Oposição Democrática que tentam encaminhar os trabalhadores para a fantachada eleitoral...(que) as CDEs...(têm necessidade de) esconder as verdadeiras razões

das lutas dos estudantes adulterando descaradamente os objectivos, por eles inúmeras vezes reafirmados, de pôr o seu movimento ao serviço da luta dos operários e camponeses de Portugal".

Que a discussão das "eleições", do que delas pretende o Governo e da intervenção das CDEs interessava de facto os estudantes mostra-o a grande assistência ao Comício: cerca de 400 pessoas.

A AUSÊNCIA DOS SENHORES CANDIDATOS DA CDE E AS CLAQUES...

Haviam sido convidados a comparecer "os candidatos e aderentes da CDE "para "justificarem as suas afirmações". Mas deles, nem sombra.

A estudantes que numa sede da CDE pretendiam saber se os candidatos e simpáticos da CDE compareciam ou não, foi respondido: "temos muito trabalho! Mas descansem que, se lá formos, não vamos dois ou três.

O sr. candidato que assim respondeu sabe muito bem, por experiência própria, que nas reuniões de estudantes as posições incorrectas são varridas pela discussão e que a porrada costuma ser reservada para o pides e provocadores. Razão porque o seu desejo de ir acompanhado "por mais três" não se explica por medo da "estudentada" presente no comício.

"Não vamos dois ou três" tem, sim, outro significado: o Sr. candidato está saudoso dos Plenários de 68 em que quem discordava dos reformistas (daqueles mesmos que facilitaram o assassinato de Ribeiro Santos pela PIDE; daqueles mesmos que agora defenderam a CDE), quem discordava do Pacifismo e do legalismo dos "dirigentes" de então, era calado com ameaças de porrada, sendo a voz dos que não se atemorizavam cobertas pelas claques que gritavam: "Unidade! Unidade!".

O Sr. candidato pretendia impor de novo nas reuniões de estudante, e para começar no Comício sobre eleições, a censura fascista das claques organizadas, à imagem e semelhança, aliás, do funcionamento bem recente das sessões da Oposição Democrática: aí, de braço dado com a Polícia (que mandava calar quem quer que, não sendo candidato, quisesse abrir a boca), claques organizadas de simpáticos da Oposição Democrática

ameaçavam de porrada e chamavam "provocador" e "pide" a quem quer que punha dúvidas, interrogações ou críticas incómodas, gritavam "fora a pides" quando soavam palavras de ordem que não fossem "da côr" e, face ao pedido aparecimento de comunicados "Ao Povo de Portugal" nas suas sessões, gritavam histéricos, para quem os apanhava: "larga isso! É da pide! Rasga isso!".

O QUE FOI O COMÍCIO SOBRE A BURLA ELEITORAL

Não escamoteando os erros e insuficiências (que trataremos com por menor mais à frente), consideramos que o Comício foi muito importante.

No fim das intervenções que ocuparam cerca de duas horas, face ao interesse manifestado pelos 400 estudantes presentes, esboçava-se o claro consenso de repúdio pela burla eleitoral e do colaboracionismo das CDEs.

A ausência dos candidatos da CDE convidados mostra aliás que se eles próprios preferiram não aparecer é porque tinham bem a noção de como o fortalecimento e radicalização das lutas dos estudantes leva cada vez mais as massas estudantis a abandonarem o reformismo "lambe-botas ao Governo" e o pacifismo choramingas, reformismo e pacifismo que constituem o produto que esses senhores candidatos e a "oposição" andaram a tentar vender às portas dos trabalhadores portugueses.

Quando a polícia e as claques, impedem a discussão, é ver os reformistas a argumentar, a fundamentar teoricamente as suas posições. Mas, no Comício houve um facto muito esclarecedor: o reformista que falou, vendo que o fogo da crítica cerrada levava à bancarrota as suas posições, apercebendo-se de que onde há luta de ideias, as frases bonitas mas ocas e mentirosas do costume não pegam, chamou, de cabeça perdida "nomes" a quem o criticava e, a breve trecho, a sua intervenção descambou para a provocação, mais porca, razão porque foi expulso da sala. (1)

(1) - Com o tratamento deste caso de provocação e doutros que se lhe seguiram, interrompeu-se a discussão sobre as eleições, que não mais seria reatada...

Porque a actuação de provocadores, aliados da pide, é extremamente nociva para o movimento dos estudantes, porque o desmascarar desses fulanos não tem sido eficaz devido à cobertura que algumas pessoas lhes dão, quer através de teorias justificadoras da provocação, quer por mistificação sobre o que é de facto a provocação (denunciando-a onde ela não existe, etc), decidimos tratar da questão da provocação, com detalhe, no próximo número da Informação Associativa.

O QUE SE DISSE NO COMICIO SOBRE A DETURPAÇÃO PELA CDE DAS LUTAS DOS ESTUDANTES E TRABALHADORES

Que estas divergências não são novas mostra-o, por exemplo, dois acontecimentos: a luta dos estudantes contra os gorilas e a luta dos trabalhadores da TAP.

Foi no Comício referido o que dessas lutas disse a CDE:

"A tentativa vergonhosa de humilhar os estudantes com a presença dos vigilantes nas escolas, os estudantes do I.S.T.."

a CDE, os gorilas e os estudantes

Os estudantes sabem que se o Governo militariza a Universidade é porque nós nos temos organizado e defendido consequentemente as nossas posições, é porque temos procurado as razões dos nossos problemas na sociedade portuguesa, e temos levado para a frente as nossas lutas; é porque com tiros, policia de choque e gorilas, suspensões expulsões e incorporações o governo quer ver se nos assusta e desarma. Sabemos que é porque a nossa luta pretende servir a do Povo trabalhador, que somos alvo da repressão. Sabemos que, se o Governo nos reprime, por exemplo com os bufos - gorilas - pides nas nossas escolas, é porque o nosso movimento lhe é incómodo,

Que os estudantes sabem que o Governo tentará aumentar as suas medidas repressivas, tanto mais quanto mais claramente os estudantes definirem objectivos progressistas, eis o que à CDE não interessa informar.... Que os estudantes de Ciências e Letras expulsaram à porrada os gorilas das suas escolas e que os estudantes de Direito mau grado a inexistência de um movimento sindical que os organize continuamente, demonstraram face aos gorilas grande combatividade, que os estudantes sabem que só com a sua força, que só com a luta, podem fazer frente à repressão, eis o que à CDE não interessa informar...

a CDE e a luta dos trabalhadores da tap

No dia 11 de Julho foi-lhes proibida uma reunião informativa na Voz do Operário.

Nesse dia a PSP carrega sobre os trabalhadores espancando-os

No dia 12 pelas 13 h, cerca de 2000 operários reunidos no seu local de trabalho para analisarem os acontecimentos da véspera e exigirem uma resposta da Administração da Companhia, foram atacados pela policia de choque.

A CDE ficou-se por lamentações derrotistas sobre as barbaridades do Governo sem realçar a justa violência dos trabalhadores face à policia

O QUE SE DISSE NO MEETING SOBRE O QUE PRETENDE O GOVERNO COM AS ELEIÇÕES E SOBRE O PAPEL DESEMPENHADO PELA CDE AO COLABORAR NA FARSA

Um governo que na defesa de interesses minoritários na sociedade portuguesa, impede os trabalhadores das suas formas de organização mais elementar (sindicato) que proíbe a existência de partidos políticos, que exerce um controle férreo sobre os jornais, o cinema, o teatro, a televisão, etc, que reprime todas as movimentações que se lhe oponham, que ataca a ferro e fogo simples reivindicações salariais, que matraqueia e abre fogo sobre operários, camponeses e ultimamente também sobre estudantes, em suma, um governo fascista, que pretende com estas suas eleições? E que significa concorrer a elas e chamar a população a recensear-se e a participar numa altura em que as massas populares, pela sua experiência concreta já puderam verificar as trapaças cometidas nas eleições, já puderam concluir que "com eleições nada consegue"?

O consenso das intervenções considerou que a CDE colabora com o governo fascista na burla eleitoral, apresentando-se às eleições, dando-lhes assim, um aspecto "democrático", no fundamental, e que, mesmo possivelmente desistindo de ir às urnas como aconteceu, o fazem lamentando os pequenos (ou grandes) irregularidades cometidas pelas autoridades e nunca denunciando radicalmente as eleições.

O QUE SE DISSE NO COMICIO SOBRE O PROGRAMA DA CDE

As intervenções demonstraram, que todo o programa da CDE se resume a uma denúncia daquilo que na sociedade portuguesa afecta a pequena burguesia nomeadamente quando enumera o

objectivos como a conquista das liberdades democráticas (escondendo que em todas as sociedades baseadas na exploração do homem pelo homem, as liberdades democráticas são as liberdades dos patrões explorarem os trabalhadores), a luta contra os monopólios (entendendo-a não como luta face ao actual sistema das eleições, mas sim contra o facto dos pequenos proprietários serem provavelmente, postos de lado ou em situação mais fraca no usufruto dessa exploração) e o fim da guerra colonial (pelo prejuizo que acarreta "para o país" pelas barbaridades que lá se cometem, sem mostrar em que é que as vitórias dos povos das colónias contribuem para a

luta do Povo português para a sua emancipação).

Daí a compreensão pelos estudantes presentes no meeting do antagonismo entre por um lado o programa dos CDEs e a sua participação na burla eleitoral, como defensores da pequena burguesia, e por outro, os interesses objectivos dos trabalhadores e a luta dos estudantes que "são com o crescer da luta dos trabalhadores", combatendo o ensino dos patrões e lutando por um ensino ao serviço do Povo, "reafirmam a sua vontade de porem o seu movimento ao serviço da luta dos operários e camponeses de Portugal".

LUTAS OPERÁRIAS

Enquanto nos comícios e no programa da CDE se clama pelo "direito à greve", "única arma dos trabalhadores", "única maneira de melhorarem as suas condições de vida", por todo o país os trabalhadores revoltam-se contra a exploração a que são submetidos, contra as condições de trabalho e os despedimentos em massa. Na indústria do material eléctrico (sector totalmente controlado por capitais estrangeiros) onde os operários são pagos miseravelmente por um trabalho que inutiliza completamente a vista verificam-se neste momento importantes lutas:

Plessey automática Portuguesa

O facto de até agora a empresa não ter dado cumprimento ao contrato colectivo de trabalho, que devia entrar em vigor em Agosto, levou a que as operárias da secção de Matrizes, quando entraram na Quarta-feira (24) ao serviço, realizassem um "meeting" decretando greve até que fossem satisfeitas as seguintes reivindicações:

Horário de trabalho: 40 horas
Subsídio de férias: 100%
Pagamento do 13º mês
Vencimento mínimo: 3.500\$00

A Automática possui actualmente cerca de 3.000 trabalhadores, na sua maioria mulheres, estando distribuídos por duas fábricas, uma em Cabo Ruivo e outra na zona do Barreiro.

As condições dentro da fábrica são péssimas e muitas são as operárias que têm deficiências visuais devido ao trabalho de precisão que é necessário efectuar.

Os vencimentos são miseráveis, (em média 1.200\$00 por mês) enquanto que os lucros auferidos atingem montantes elevadíssimos, parte deles apresentados publicamente como lucro e outro incorporado em reservas, etc., e na sua maioria exportado para os ingleses.

A greve alastrou-se a todas as secções das duas fábricas e posteriormente aos empregados do escritório e ao pessoal do turno da tarde. Assim, na quarta, quinta e sexta houve greve a 100% na Automática.

Na sexta à tarde o patrão e os controladores dirigiram-se aos operários e propuseram a formação de comissões que estudassem e resolvessem o problema.

No sábado só trabalharam as operárias do turno da tarde e os empregados, argumentando que tudo se ia resolver, conseguiram que as operárias voltassem ao trabalho.

(continua na pág. 9)

ESTUDANTES PRESOS

Desde o começo de Outubro, o governo tem mantido um policiamento intenso em toda a cidade de Lisboa. Principalmente no dia 12, podiam ver-se por toda a parte carlinhas de choque, "níveas" da PSP, centenas de pides e legionários. O governo esforçou-se particularmente para que, durante o período das chamadas "eleições para deputados", pudesse aparentar um clima de paz.

Não foi contudo todo o seu dispositivo policial que impediu, que, quase diariamente, muitas centenas de estudantes e trabalhadores se manifestassem nas ruas. Dessas manifestações damos informações noutra local mas importa aqui referir que, não obstante todo o aparato de que falámos, nem uma só vez as forças policiais conseguiram intersectar ou carregar sobre qualquer manifestação. Algumas vezes, como no Rossio no dia 12, e em muitos outros locais, às suas tentativas responderam os manifestantes à pedrada, escaquerando vidros de "níveas" e havendo a registar as cabeças partidas de muitos pides e legionários.

Ao mesmo tempo desde o começo do mês têm sido efectuadas numerosas prisões, nomeadamente de estudantes, algumas em casa, outras na rua - em especial, nos locais onde a polícia surge a seguir ao dispersar de manifestações.

Presos durante o mês de Outubro encontram-se neste momento em Caxias os estudantes:

de CIENCIAS

Maria do Rosário Mascarenhas - presa na rua, no dia 12; tem tido visitas (uma vez por semana) e neste momento já lhe é permitido receber livros de estudo e jornais.

Ana Paula Vasconcelos - presa na rua, no dia 24; começou a ser interrogada no dia seguinte. Teve visita no dia 26 e sabe-se que está doente com bronquite, recebendo remédios periodicamente.

de MEDICINA

Maria Pilar - presa na rua, no dia 12; já teve visita. Sabe-se que tem sido torturada.

Luís Filipe Santos - preso no dia 12; tem tido visitas. Nos últimos dias não tem sido interrogado.

Joaquim Judas - membro da CPA. A visita marcada para dia 30 foi adiada.

Joaquim Oliveira - inicialmente a Pide disse que ia soltá-lo, no entanto isso não aconteceu. Foi-lhe marcada visita para sábado.

António Duarte - tal como os demais colegas anteriores, foi preso na rua, no dia 23. Não há até agora quaisquer informações por não ter família cá. O advogado está a tentar contactar com ele.

José António Cepeda - preso desde o dia 24. Terá a 1ª visita na próxima 3ª feira, por não ter família em Lisboa.

do ISCTE

Maria da Luz - presa na rua, no dia 24. Teve uma visita no sábado da qual ainda não temos informações.

de DIREITO

Maria José Morgado - perseguida pela Pide há alguns meses, foi presa no dia 23.

de ECONOMICAS

João Lopes - preso na madrugada do dia 8.

Célia Vidal da Costa - presa na noite de 24 para 25. Já teve visita, foi sujeita a interrogatórios.

Graca Cordovil - PRESA

Graca Cordovil - presa na noite de 24 para 25. Teve visita e já foi sujeita a interrogatório.

do TECNICO

Gabriel - preso na rua no dia 12. Tem tido interrogatórios periodicamente. Foram-lhe já enviados jornais e livros de estudo.

de FARMACIA

Dora Brites - membro da Direcção da CPA em 72/73. Presa na noite de 30/31. Ainda não teve visita.

Estiveram ainda detidos em Caxias mas já foram soltos, os estudantes do ensino secundário:

Batalha - liceu de Cascais

Luís Mamede - liceu D. Pedro V

AS LUTAS OPERÁRIAS

(continuação da pág. 7)

Segunda-feira (29) só as operárias da secção de Matrizes continuaram em greve que se prolongou até quarta-feira (31).

Apesar das ameaças do director a polícia e a GNR não intervieram, embora a fábrica estivesse cheia de bufos e pides. As controladoras bastante odiadas pelas operárias tentaram intimidá-las e obrigá-las a trabalhar. Na terça-feira, uma operária, perante as ameaças da encarregada, deu-lhe uma tarefa que a mandou para o hospital... de maca.

Standard Eléctrica

Esta empresa tem "atrasado" a assinatura do contrato colectivo de trabalho que já se arrasta há 5 anos.

Na segunda-feira (29) várias foram as secções que pararam as suas máquinas tendo os operários entrado em greve.

As operárias cujo vencimento-hora é de 8 escudos reivindicavam o salário mensal de 3.000 escudos. Os únicos que não aderiram à greve foram os empregados do serviço administrativo (escritórios, contabilidade).

Na terça-feira a greve alastrou-se a cerca de 90% dos trabalhadores da fábrica. Apareceu o chefe do pessoal, dr. Naranho, que conjuntamente com dois pides procurava indagar das

reivindicações das operárias. Começou em tom ameno e acabou aos gritos tendo sido apupado e assobiado.

Na quarta-feira (30), a greve, continuava na parte da manhã. À tarde, o director promete assinar o acordo em Janeiro, rever a base dos salários, acabar com os prémios de assiduidade e produtividade instituindo prémio de antiguidade.

Assim, algumas secções começaram a trabalhar às treze e às dezoito horas.

De mãos dadas, o governo, os patrões e os sindicatos tudo fazem para quebrar a firmeza e a determinação dos trabalhadores:

A GNR cerca as fábricas, a pida tenta detectar os mais activos, os patrões e controladores procuram "conquer" os trabalhadores propondo "comissões representativas", dizem - do que "se forem trabalhar tudo se há-de arranjar", etc.

Aos estudantes cabe uma tarefa extremamente importante no apoio à luta dos trabalhadores - recolher, divulgar por todos os meios ao seu alcance as informações relativas às lutas dos trabalhadores, contribuindo assim para contrariar as intenções da censura fascista, rompendo o bloqueio do governo à informação das justas lutas dos trabalhadores.

ESTUDANTES PRESOS

(continuação da pag. 8)

Como sempre, o governo não está interessado em facilitar a divulgação de informações acerca dos estudantes presos e da sua situação nas masmorras de Caxias.

Como sempre também a Pide dificulta (quando não impede mesmo), as visitas, limitando-as o mais possível e impondo-lhe várias restrições.

Os estudantes devem opôr-se a todas as tentativas de isolamento dos seus colegas que, nas cadeias fascistas, mantêm uma posição firme e correcta - não colaborando nos interrogatórios, não cedendo às torturas. (1)

Por isso é muito importante:

. divulgarmos, por todos os meios, ao nosso alcance, as informações sobre os estudantes presos, a sua situação e o seu comportamento nas prisões da Pide.

. mantermo-nos constantemente ao corrente destas informações e prepararmo-nos para, por todas as formas possíveis, lhes dar o nosso apoio.

(1) É curioso referir aqui que, as CDEs que tanto falaram durante a campanha eleitoral, de amnistia, apoio aos presos políticos, etc, não deram quaisquer informações acerca dos acontecimentos do dia 12 nem das prisões efectuadas.

MARINHA GRANDE

Quem percorreu as Assembleias de voto em Lisboa, no Domingo, pôde ver o reduzido número de votantes. Pôde ver também a cidade totalmente policiada e as freiras, os velhos e os indigentes que se dirigiam em massa para as assembleias de voto. Os bufos, os polícias e os GNRs esses, claro, estavam lá todos.

O desinteresse pelo acto eleitoral não se verificou só no Domingo. A campanha de recenseamento onde tanto a ANP como a CDE se empenharam a fundo, saldou-se por uma bancarrota como sempre aliás tem acontecido.

E, se às "assembleias de voto", a frequência já em Lisboa era de "meia dúzia de gatos", na Marinha Grande os trabalhadores, na rua, marcaram uma posição firme face às eleições.

A partir das 9 horas da manhã, o Povo começou a concentrar-se junto duma das "assembleias de voto", no largo da Câmara.

As 11 horas eram já cerca de 2 centenas as pessoas espalhadas ao longo dos passeios em pequenos grupos vaiando os poucos "votantes" que apareciam. No local não havia PSP nem GNR, mas bastante bufaria.

Da parte da tarde a população foi-se concentrando no mesmo largo. Frente ao local onde em 18 de Janeiro de 1934 o Povo hasteou a Bandeira Vermelha da revolução o Povo apupou ruidosamente o fascista Roldão (presidente da Câmara) e outras "altas individualidades" locais; os choques e a PSP de Leiria, juntamente com os polícias da vila carregaram então sobre as centenas de pessoas. Apesar da resistência oposta, a multidão foi dispersada, tendo-se registado vários feridos e 3 presos - Leonor Barido, estudante, Joaquim Carreira, industrial vidreiro e um sapador bombeiro não identificado - que mais tarde seriam levados para Caxias.

Entretanto, a "assembleia de voto" encerrava meia hora antes da prevista. Como a polícia impedira os ajuntamentos no centro da vila, as pes-

soas dispersas foram-se reunindo num largo próximo, e cada vez em maior número. Operários das fábricas e estudantes descalçaram um passeio e munidos de pedras, esperaram os choques que não intervieram.

Entretanto eram vaiados todos os "barrigudos" que por ali passavam, e alguns conhecidos bufos (cerca de 20) que se misturaram com os populares, foram apedrejados e escorraçados tendo alguns deles chegado a engatilhar as armas.

Mais tarde começaram a concentrar-se nos arredores vários choques, que durante a sua permanência foram apedrejados, tendo posteriormente retirado.

Pelas 18,30 os bombeiros saíram com as sirenes a tocar e postaram-se frente ao Povo, tentando meter-lhe medo com as agulhetas da água. O Povo, no entanto, não arredou pé. Assim pelas 19 horas, a polícia de choque começou a avançar tendo a população resistido á pedrada, tornando a haver numerosos feridos de parte a parte; foram partidos pela população em fúria os vidros de um banco, duma agência de viagens e doutros estabelecimentos comerciais. Grupos de populares percorreram as ruas ameaçando não deixar nada inteiro na Marinha Grande caso a polícia não se fosse embora.

Entrementes que faziam os poucos "doutores" da CDE que ainda estavam na rua? Andavam a recolher as naturas para um abaixo-assinado de protesto face ás "brutalidades da polícia" e a recomendar uma vez mais calma e civismo á população. Para o fim da tarde foram vistos passeando-se de carro pelas ruas apreciando os estragos, e acabando por ir para uma jantada num restaurante dos arredores, onde estiveram em grandes divertimentos até altas horas da noite.

Na Marinha a música era outra: A polícia tinha-se dispersado em patrulhas pelo interior da vila, chegando até ao pinhal. Mas após a televisão ter divulgado os resultados das

marinha grande

(continuação de pág. anterior)

votações, a população enfurecida saiu para as ruas e atacou as patrulhas a pedrada e a cacetada, tendo os combates durado até de madrugada e acabando a polícia por se retirar das ruas mais escuras, indo pernoitar para o pinhal.

Segunda-feira (29) - grande parte da população da Marinha Grande concentrou-se durante todo o dia frente ao tribunal onde iam ser julgados os presos do dia anterior.

O juiz, numa manobra, julgou primeiramente num transeunte que sacado do seu automóvel, tinha sido agredido na noite anterior.

Por volta do meio-dia, as bestas de choque que ainda não tinham aparecido, chegam em 3 carrinhas e começam a tomar posições nas imediações do tribunal.

Apesar de todo este aparato policial provocatório as centenas de pessoas que estavam presentes não se intimidaram e não arredaram pé até ao final da audiência que terminou a uma da manhã, devendo continuar no outro dia de manhã.

De madrugada houve violentos recontros com a polícia ficando feridas mais de 20 pessoas.

Terça-feira (30) - logo de manhã começou-se a concentrar um grande número de pessoas, junto ao tribunal, sem que tivesse aparecido a polícia.

Só à tarde, as pessoas começaram a abandonar o local, quando foi proferida a sentença - o acusado foi absolvido.

Entretanto o juiz "esquecera" os outros 3 presos (já citados) que naquele momento se encontravam já em Caxias.

Quarta-feira (31) - estava marcada para

as 18 horas uma concentração junto à Câmara, em apoio a um abaixo-assinado que reivindicava a libertação dos presos, informações acerca do seu estado e visita das famílias e que os julgamentos se efectuassem na Marinha Grande.

Houve grande número de pessoas presentes, no entanto se não chegaram a concentrar devido ao grande aparato policial.

Entretanto, as pessoas que pretendiam entregar o abaixo-assinado ao presidente da câmara - 3 ex-membros da Comissão Executiva da CDE - não o conseguiram, tendo-lhes sido dito que tinha ido para uma caçada.

Apesar disto essas pessoas foram ainda contactar um deputado da ANP que, segundo disseram, esse conhecido fascista, mercê das suas altas influências, resolveria as coisas a bem, conseguindo a libertação dos presos...

Este prometeu-lhes dar uma resposta que, claro, nunca surgiu.

Desde Domingo (28), toda uma orja de bufos, polícias, choques e pides controlam as ruas e as fábricas de dia e de noite, sendo as pessoas, especialmente os jovens, perseguidas e intimidadas pelos pides.

O desinteresse pelo recenseamento, as lutas em Lisboa e no Porto no dia 12 de Outubro, a reduzida afluência às urnas no dia 28, as lutas dos trabalhadores da Marinha Grande mostraram-nos qual a atitude dos trabalhadores perante as eleições fascistas e mostraram-nos que para eles não é com sessões da CDE onde só fala quem a polícia quer, não é com telegramas de protesto nem com abaixo-assinados que se desmascara a burla eleitoral e se luta por uma sociedade controlada e dirigida pelo Povo.

ESTUDANTES PRESOS - ÚLTIMAS INFORMAÇÕES

Na altura em que a Informação Associativa já estava na sua grande parte feita tivémos conhecimento que alguns dos estudantes que noticiávamos como estando ainda em Caxias, já foram soltos.

São eles os seguintes:

ANA PAULA VASCONCELOS

JOSE ANTONIO CEPEDA

MARIA DA LUZ

Estes três colegas foram presos no dia 24 e soltos a 5 de Novembro com caução.

COMUNICADO À POPULAÇÃO

Desde há muito que, cada vez mais em maior número e com mais frequência os estudantes não têm deixado nas mãos dos jornais e da Rádio e da televisão (que o governo controla por completo) a informação, junto ao Povo, das razões das lutas estudantis.

Assim, o facto de não se ter conseguido realizar nenhum plenário não poderia servir de desculpa para que não divulgássemos junto ao Povo o que são as lutas dos estudantes nesta altura em que ,

- o governo ao tentar aparentar uma fachada democrática, realizando as chamadas eleições, para deputados.

- os doutores da CDE aproveitando-se do facto de a polícia (e as as clagues) não deixarem falar quem se lhes opõe , mentiram , nos seus comícios sobre as verdadeiras razões das lutas dos estudantes.

- no 12 de Outubro os estudantes souberam, na rua, juntar-se ao Povo .

É por isto que importava fazer chegar á população a informação certa do sucedido e num meeting em Económicas foi aprovado o comunicado que vamos ~~tang~~ crer em seguida e que informa o Povo das razões das nossas posições, das nossas lutas, nomeadamente no dia 12 de Outubro.